

Denúncia de Moçambique na ONU

NA mesma semana em que teve lugar o ataque contra o seu território, a República Popular de Moçambique apresentou uma denúncia perante a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas. Além de repudiar a agressão militar propriamente dita, o ministro Joaquim Chissano desmascarou a tentativa de estabelecer um paralelo entre a incursão dos racistas e a operação feita pelos patriotas do ANC contra o Quartel-General da Força Aérea sul-africana, local onde funciona o serviço de informação militar. No discurso então pronunciado ressaltou os seguintes pontos divulgados pela imprensa em Maputo:

— Tentar acusar um país vizinho e independente e reclamar o direito de retaliar uma acção que é resultado de uma política nacional criminosa, segregacionista e racista, condenada e veementemente odiada pelo povo desse país e pela comunidade internacional, constitui uma intolerável, arbitária e grosseira interferência nos assuntos internos de um Estado soberano.

— Sob a desculpa de destruir bases do ANC, os racistas pretendem internacionalizar o conflito nacional de uma luta armada conduzida pelo povo da África do Sul, alegando que o regime está a ser vítima de uma conspiração armada dos países vizinhos.

— O ANC iniciou a luta armada em território sul-africano em 1961. Nelson Mandela foi condenado à prisão perpétua pelas autoridades racistas porque o acusavam de ser responsável da luta de libertação nacional da África do Sul. Mandela não vem de Moçambique, a não ser que as autoridades de Pretória pretendam fazer crer a este Conselho de Segurança que ele foi enviado pelo regime colonial português para atacar a África do Sul.

— Os massacres de Sheperville, Soweto, Gogoletto e Langa são uma clara manifestação de que o regime minoritário e racista que controla o poder na África do Sul está em guerra com o povo sul-africano.

— No nosso último encontro com o governo sul-africano, falámos sobre as nossas políticas na procura de caminhos para uma coexistência pacífica. Esperamos prosseguir este esforço. Contudo, também dissemos e continuaremos a dizer que, enquanto amamos a paz não tememos a guerra. Se for necessário enfrentar uma guerra para preservar a paz na nossa região, combateremos novamente.